

5 Conclusão

A Igreja de hoje possui um rico e fecundo patrimônio teológico nas páginas dos Documentos do Concílio Vaticano II. A teologia conciliar é caracterizada por um resgate da experiência das primeiras comunidades cristãs, testemunhada na Sagrada Escritura e nos textos dos Padres da Igreja. A impositação bíblico-patristica faz com que as propostas conciliares se tornem uma verdadeira novidade diante do desgastado paradigma do Concílio de Trento. Indubitavelmente, precisamos valorizar, por ocasião do jubileu de ouro do Vaticano II, o trabalho árduo dos Padres conciliares envolvidos na elaboração dos seus Documentos.

Nossa Dissertação quis ser, em algum sentido, um tributo aos grandes avanços trazidos pelo último Concílio. Nosso interesse foi estudar um conceito central da teologia conciliar, mostrando a sua origem bíblico-patristica e o seu desenvolvimento teológico. A partir disto, nos foi possível contemplar melhor a escolha deliberada dos Padres conciliares por tal conceito quando inseriram-no na redação dos seus escritos e deixaram-no como legado para a nova geração dos cristãos.

Nosso estudo procurou enfocar um dos principais conceitos resgatados pelo Concílio – o de “mistério”. Com isto, se abriu um panorama diante de nós: verificar a utilização de tal conceito pelos hagiógrafos bíblicos e patrísticos, buscando a sua teologia subjacente; entender como tal conceito emerge com força total na teologia da primeira metade do século XX, em especial, na pesquisa do grande teólogo alemão Odo Casel; e, aprender como os Padres conciliares utilizaram tal conceito para beneficiar toda a Igreja.

O primeiro capítulo – a verificação do conceito de *mystérion* no ambiente bíblico e patrístico – foi dividido em quatro partes. Desta forma, apresentamos um estudo sobre o termo no paganismo, no Antigo Testamento, no Novo Testamento e na formulação da patrística. Este capítulo inicial se mostrou decisivo, pois os outros dois subsequentes se despontaram em virtude da sua riqueza teológica.

O termo *mystérion*, vocábulo grego, foi utilizado com diversos significados pela cultura helênica. Como vimos, sua gênese se dá em ambiente religioso, dentro

das “religiões de mistérios”. Tal experiência religiosa grega era caracterizada por um culto ritual soteriológico cujo objetivo era fazer com que os fieis participassem do destino vitorioso de sua divindade. Para tomar parte nessa celebração, a pessoa devia ser iniciada e se comprometer a guardar em segredo o conteúdo dos ritos salvíficos. Muitas expressões religiosas antigas puderam ser caracterizadas como “religiões de mistérios” pelos pesquisadores. O culto mistérico pagão mais famoso foi aquele celebrado em Elêusis, durante o século VI a.C..

A filosofia platônica utilizou o vocábulo *mystérion* para significar a possibilidade da alma participar na vida da divindade. Todavia, enquanto a “religião dos mistérios” acreditava na força dos ritos para tal fim, a filosofia da Academia somente se apoiava na força do conhecimento. Assim, o *mystérion* em Platão era a possibilidade da alma humana conhecer, através da realidade material, o próprio Ser. Os entes materiais são símbolos abertos para o Transcendente. Esta mudança do campo religioso-ritual para o campo filosófico-gnosiológico marcará profundamente a história do conceito em ambiente grego.

O povo grego simples, ainda, fez outro uso do termo *mystérion*. Como eles não podiam participar das cerimônias secretas das “religiões dos mistérios” e os iniciados não podiam revelar seus ritos, ocorreu um processo de analogia tendo como base a experiência do “desconhecimento” e do “segredo”. Assim, para as situações onde as pessoas comuns não podiam comparecer e para os fatos que não sabiam explicar, se usou o termo *mystérion*. Esta maneira de usar tal conceito é atestada ainda hoje nos léxicos das línguas modernas, quando “mistério” significa “segredo” ou “algo desconhecido e inacessível”.

A última forma de utilização do conceito de *mystérion*, em ambiente cultural grego, coube aos gnósticos. Eles acabaram por agregar o uso feito nas “religiões dos mistérios”, no platonismo e na magia. Os gnósticos acreditavam que conhecendo os mitos antigos das “religiões de mistério” seriam capazes de ser salvos. Assim, aproveitam os mitos antigos das “religiões de mistérios”; mas, o pólo central está no conhecimento, de acordo com a filosofia platônica. Além disso, os gnósticos portavam objetos, diziam palavras e executavam ritos, de forma mágica, a fim de facilitar a sua salvação.

Como vimos, a cultura grega entra em contato com a hebraica por ocasião da diáspora do povo de Israel. A Escritura hebraica foi traduzida para o grego e os seus livros tardios foram escritos neste mesmo idioma. Com isto, o termo hebraico *sôd* (e

o aramaico *râz*) ganhou na língua helênica *mystérion* como correspondente. Do estudo destes termos, conseguimos conhecer a Teologia do Mistério vétero-testamentária.

Os filólogos destacam um sentido concreto e um abstrato para o termo *sôd*. No tocante ao primeiro sentido, ele carrega o significado de um grupo de pessoas unidas entre si. No campo teológico, o termo foi aplicado à reunião dos deuses no conselho de Adonai e a participação dos profetas e dos justos neste mesmo conselho. O termo também foi utilizado para denominar a reunião dos justos da qual o salmista faz parte – apresentando um contexto litúrgico. O termo *sôd* expressa em seu sentido concreto teológico tanto uma verdadeira comunhão com a esfera divina, como uma comunidade cútico-religiosa. Concernente ao sentido abstrato de *sôd*, os especialistas afirmam que o termo significa o objetivo pelo qual as pessoas estão reunidas. Desta forma, o conceito tem o sentido de plano, conselho, decisão e projeto. No campo teológico, o termo constitui o plano divino, revelado aos profetas e aos justos.

O termo *mystérion* aparece nos livros da Sabedoria e de Daniel. No livro da Sabedoria percebemos o contato da tradição de Israel com a cultura helênica, visto que o termo “mistério” ora se refere às “religiões de mistérios”, ora é usado numa perspectiva platônica na qual o conhecimento é causa da imortalidade. O livro de Daniel, por sua vez, tem uma grande importância em relação à Teologia do Mistério. Sua teologia apocalíptica vai influenciar a utilização do termo *mystérion* no Novo Testamento. No texto deste livro, “mistério” significa a revelação do projeto divino de condução do povo ao tempo escatológico. Deus escolhe um vidente e o capacita por meio do seu Espírito para conhecer as realidades transcendentais.

O Antigo Testamento, por meio da teologia apocalíptica, é a grande influência dos autores neotestamentários. Os evangelistas vão deixar registrado uma entrada do termo *mystérion* (cf. Mc 4,11) e duas do termo *mystéria* (cf. Mt 13,11; Lc 8,10). O sentido dessas referências pode ser, sucintamente, apresentado assim: Jesus é o mistério do Pai, pois nele se inaugura o tempo messiânico e escatológico.

As cartas paulinas são o conjunto de textos e de reflexões mais substancial da Sagrada Escritura no que concerne à Teologia do Mistério. Paulo lê a esperança judaica apocalíptica em chave cristológica, eclesiológica e sacramental. Dessa forma, *mystérion* é o plano do Pai, revelado por Jesus. Por sua vez, ele se prolonga

na Igreja por meio da celebração dos sacramentos do Batismo e da Eucaristia, e isso em virtude da potência do Espírito Santo. Com isto, o mistério passa a agir nos fiéis batizados a fim de que alcancem a “esperança da glória” (cf. Cl 1,27).

O livro do Apocalipse também apresenta uma enfática Teologia do Mistério. Em franca sintonia com a apocalíptica judaica, o autor do último livro bíblico apresenta o *mystérion* como o plano de Deus revelado ao vidente de Patmos, por meio de uma visão na qual um anjo lhe revela o sentido soteriológico da história.

Os Padres da Igreja, por sua vez, vão desenvolver sua Teologia do Mistério à luz da interpretação da Escritura Sagrada. Inácio de Antioquia e o autor da Didaqué usam o termo *mystérion* para afirmar a presença de Deus realizando a salvação por meio de sua Igreja. Autores como Justino Mártir e Irineu de Lião vão relacionar *mystérion* com a economia divina. O projeto divino da salvação se desvela na história dos homens em etapas sucessivas e concatenadas. É necessário uma *gnosis* para penetrar nos desígnios salvíficos de Deus. Para tal é o Espírito Santo quem dota o homem do conhecimento revelado e quem efetiva a salvação trazida por Cristo.

Clemente de Alexandria vai aplicar a linguagem dos ritos de iniciação mística ao cristianismo: “iniciação”, “iniciado”, “ritos místicos”, “divinização”, “*apátheia*” etc. Todavia, este autor tem o cuidado de purificar o conteúdo pagão de tais conceitos e preenchê-los com um sentido cristão. Cristo é o grande mistagogo que leva os iniciados (catecúmenos) até a perfeição, através da *gnosis* da Escritura. Orígenes, por seu turno, tendo como fundamento o texto da Sagrada Escritura, desenvolve seu pensamento acerca de *mystérion*. A leitura da Escritura reclama por alcançar o seu sentido pleno, o que somente é possível pela ação do Espírito Santo. Entre o leitor e o próprio Deus está o texto escriturístico como mediador. Conhecer a Deus e ao seu projeto salvífico através da *lectio divina* é conhecer o mistério de Deus.

Com autores como Gregório de Nissa, Cirilo de Jerusalém e Ambrósio de Milão, a Teologia do Mistério alcança um significativo estágio de desenvolvimento. Neles, *mystérion* foi entendido como a transmissão da salvação a todos os batizados através dos ritos sacramentais – salvação esta prometida pelos profetas e plenamente realizada por Jesus Cristo. Assim, os sacramentos da iniciação cristã recebem sua estruturação teológica em chave mística. Na celebração da liturgia, Cristo se faz presente comunicando por meio de seu *Pneuma* a sua vida aos cristãos.

A Teologia do Mistério, segundo os Padres, desenvolve a herança da tradição bíblica. Dessa forma, eles legam às futuras gerações de crentes as fecundas intuições da relação “mistério-Igreja”, “mistério-Escritura” e “mistério-Sacramentos”.

A Teologia do Mistério tendeu a ser esquecida no Ocidente ao longo do segundo milênio. Durante esse período, essa realidade se manteve bastante ofuscada da vida teológica e pastoral da Igreja. Isso provocou uma empobrecida compreensão da liturgia como lugar privilegiado da presença e da ação de Cristo, por meio de sua palavra e dos ritos sacramentais. Aliás, o eclipse dessa Teologia onerou a Igreja na vivência de sua vocação e de sua missão.

O resgate da Teologia do Mistério foi realizado através das pesquisas do teólogo e liturgista Odo Casel. Num contexto teológico-litúrgico onde o próprio Papa Pio X tinha afirmado a caducidade dos cânones do Concílio Tridentino sobre a origem dos sacramentos em face das pesquisas de então, Casel se apresenta para propor uma possibilidade de se repensar a sacramentária católica. Integradas no contexto do Movimento Litúrgico, suas obras causaram, por um lado, grande admiração, por outro, forte rejeição.

A polêmica tese de Casel acerca da dependência do culto cristão aos ritos das “religiões de mistérios” gerou críticas fortíssimas aos seus trabalhos. Todavia, hoje, com distância histórica suficiente, observamos que sua tese estava baseada numa metodologia diferente daquela usada no início do século XX. Enquanto os pesquisadores utilizavam o termo “dependência” para sustentar que o cristianismo copiou os elementos da religião grega, Casel propunha uma leitura tipológica entre o culto grego e o cristão. Para ele, a religiosidade pagã trazia em si algo de verdadeiro, mas que não podia ainda ser pleno. Com o advento do cristianismo, aconteceu a plena realização das formas rituais ensaiadas nos cultos mistéricos. Até hoje, alguns autores enxergam com desconfiança esta tese caseliana.

As teses de Casel não se reduzem a relação tipológica entre culto pagão e cristão. Ele realizou uma densa pesquisa na Sagrada Escritura e nos escritos dos Padres da Igreja a fim de compreender o significado de “mistério”. Este esforço caseliano garantiu o resgate da Teologia do Mistério em pleno século XX, depois de quase um milênio de esquecimento. Emerge, mais uma vez, a consciência de que, pela unção pneumática, Cristo e Igreja são o “Cristo total” – cabeça e corpo de um mesmo ser. O culto de louvor prestado pelo Filho continua sendo prestado após a

sua ascensão nos céus. Por conseguinte, a Igreja prolonga na terra, através da liturgia e da vida, o sacrifício de louvor do seu Senhor.

As consequências geradas pela teologia caseliana no que se refere à compreensão de “*mystérion*” no culto são: o sujeito do culto é divino-humano e o seu objetivo é dar acesso aos homens à natureza divina. Assim, a liturgia é presidida pelo “Cristo total”, de tal forma que o culto que o Cristo-cabeça celebra nos céus se prolonga no ‘hoje’ da celebração do seu corpo na terra. Toda liturgia eclesial encontra seu fundamento na liturgia celeste e dela recebe suas forças. Além disso, a liturgia terrestre é um “sacramento” da celeste, pois, por meio das realidades sensíveis pneumatizadas, se abre para comunicar aos homens e ao mundo a realidade salvífica.

O culto cristão tem como *télos* fazer com que os homens entrem em comunhão com a vida divina. Toda a economia bíblica está em função da manifestação da graça da divinização por meio dos sacramentos da iniciação cristã. Na unção batismal-crismal, o fiel é habitado pelo Espírito Santo a fim de estar unido a Jesus ressuscitado e de entrar no edifício do Corpo de Cristo, participando, dessa forma, de seu *múnus* sacerdotal. Por meio da celebração eucarística o batizado pode oferecer ao Pai o sacrifício redentor de Cristo, e unir o seu próprio sacrifício ao dele. De fato, nos sacramentos de iniciação o crente é inserido na dinâmica do Mistério Pascal de Cristo, tornando-se capaz de exercer o seu *múnus* sacerdotal por meio da escuta e da realização-cumprimento da Palavra de Deus.

A Teologia do Mistério, resgatada pelo trabalho de Odo Casel, vai ser largamente assumida na teologia do Concílio Vaticano II. A Constituição *Sacrosanctum Concilium*, nos seus parágrafos sobre a natureza da liturgia (cf. SC 5–13), desenvolve a compreensão da celebração à luz da teologia mistérica e, em seus outros parágrafos, aplica tal teologia aos sacramentos, ao ofício divino e ao ano litúrgico.

Deus, no seu projeto salvífico, inicia um diálogo com a humanidade. Este colóquio entre o Criador e os homens, depois de passar pelo ato criador e pela etapa da antiga Aliança, encontra seu ápice em Jesus Cristo. Ele, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, é, ao mesmo tempo, a Palavra do Pai à humanidade e a resposta humana a esta mesma Palavra. A vida de Jesus é marcada pela dinâmica filial, amorosa e obediente de “palavra-resposta” até o extremo da cruz. Do coração aberto de Cristo no madeiro, brota a Igreja, simbolizada nos sacramentos do

Batismo e da Eucaristia. Do Mistério Pascal de Cristo, nasce a comunidade eclesial – os homens atraídos por Cristo para obedecerem ao Pai e para receberem o Espírito Santo, tornando-se filhos adotivos de Deus. A liturgia é a expressão cultural-celebrativa dessa dinâmica pascal na vida dos crentes unida ao seu Senhor ressuscitado. Por meio de sinais e símbolos, Cristo se faz presente e atuante na sua Igreja, podendo levar os homens à glorificação do seu Pai e à santificação.

A Igreja, por sua vez, possui seu contexto genético no Mistério Pascal de Cristo com a missão de ser um sacramento dele entre os povos. Para isto ela é dotada de duas realidades interligadas: a liturgia – complexo ritual anamnético dos eventos salvíficos – e o sacerdócio dos fieis – testemunho concreto da vida de obediência à vontade do Pai, na estatura da obra de Cristo, pela contínua ação do Espírito Santo.

Da afirmação de que a Igreja nasce do lado aberto de Cristo na cruz (cf. SC 5), a Constituição *Lumen Gentium* desenvolve sua eclesiologia em perspectiva mistérica. Este Documento afirma que a origem e o crescimento da Igreja têm sua fonte na água e no sangue derramados do lado de Cristo na cruz. Mais uma vez, os Padres conciliares entendem a origem da Igreja no Mistério Pascal de Cristo. A água e o sangue, sinais dos sacramentos de iniciação cristã, remetem tanto à celebração litúrgica como à decorrente espiritualidade sacerdotal que deles nasce. No parágrafo onze da Constituição sobre a Igreja, a teologia conciliar expõe seu entendimento sobre o múnus sacerdotal dos batizados advindo da experiência batismal-crismal e eucarística.

A Constituição *Dei Verbum* desenvolve a Teologia do Mistério em relação à comunicação que Deus faz por meio de sua Palavra proclamada na assembleia litúrgica por ocasião da celebração dos sacramentos e da liturgia das horas. Cristo continua presente e agindo em sua Igreja por meio da sua Palavra. Desta forma, a Palavra tornou-se um instrumento mediador entre Deus e os homens no tempo da Igreja. A teologia conciliar entende a necessidade de uma “escuta religiosa” por parte dos fieis da mensagem salvífica divina como experiência de revelação do ser e da vontade de Deus.

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, por sua vez, de forma inédita, traz em seu texto as expressões “mistério do homem” e “mistério da história humana”. Abrindo a Igreja para o diálogo com o homem moderno, os Padres conciliares compreenderam que todos os homens – “cristãos” e “não-cristãos” – são pré-

destinados, pela dignidade de criaturas divinas, a chegarem à maturidade humana, conforme o desígnio de Deus (cf. Ef 4,13).

As perguntas fundamentais que a inteligência humana se põe, geradoras das mais diversas culturas, são um anelo de comunhão com o Transcendente e uma preparação para a acolhida do Evangelho. A experiência do sofrimento, do erro e da morte, enigmas abissais para o sentido da vida, encontram sua resposta na vida, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré. O mistério do homem somente pode ser compreendido plenamente no Mistério Pascal de Cristo.

Com a expressão “mistério da história humana”, a teologia conciliar apresenta uma visão salvífica e esperançosa sobre o curso dos acontecimentos. Longe de entender a história como um conjunto de ações caóticas e desordenadas, os Padres conciliares, a partir da teologia bíblica, concebem a história como uma realidade aberta para a presença e atuação de Deus no mundo através daqueles que obedecem à sua vontade. A Igreja, lugar da escuta da Palavra de Deus, se torna servidora dos homens e de suas culturas na busca por sua realização plena. Igreja e cultura são realidades que caminham em direção à meta escatológica onde Deus será tudo em todos (cf. 1Cor 15,28).

Das páginas bíblicas aos escritos do Concílio Vaticano II, a Teologia do Mistério foi se consolidando e se tornando um paradigma para a teologia e a pastoral da Igreja. Atualmente, oitenta anos após as pesquisas de Odo Casel e cinquenta anos do Concílio Vaticano II, a experiência mistérica continua se desenvolvendo e se refletindo nas práticas litúrgico-celebrativas das comunidades. A impostação mistérica na celebração dos sacramentos, da liturgia das horas e do ano litúrgico é uma realidade principiada, mas ainda a se conquistar. Muito se fez no pós-Concílio para que os católicos, depois de um período de mil anos afastados da perspectiva mistérica, voltassem ao frescor da espiritualidade bíblico-patristica.

Dentre todas as propostas nascidas no pós-Concílio a retomada da “mistagogia” é a mais fecunda. Ela integra liturgia, catequese e espiritualidade, acabando com o divorcio existente entre essas realidades. Mistagogia significa conduzir ao Mistério. Sobre este último incidiu nossa pesquisa nesta Dissertação. Por isso, acreditamos que nosso trabalho de pesquisa pode ajudar numa melhor inteligência sobre o “modo”, as “condições”, os “sujeitos” e os “destinatários” da ação mistagógica eclesial.

A Igreja tem a missão de introduzir os homens na experiência com o “mistério” de Deus. Essa introdução é infinita, pois os homens sempre podem adentrar mais em comunhão de vida como seu Senhor. Tal ação divinizante começa nesta vida, mas tem seu ápice na eternidade. Por meio dos ritos sacramentais e da escuta da Palavra, os homens vão, paulatinamente, antecipando as realidades finais e delas participando. A recepção sacramental e a escuta da Palavra não são atitudes mágicas, mas condições para a vivência filial, obediente e amorosa diante de Deus Pai, à semelhança de Cristo, na virtude do Espírito Santo.

Cabe aos agentes de pastoral e aos pastores, imbuídos de uma visão mistérica, proporcionar que as celebrações litúrgicas concorram para uma frutuosa experiência de mergulho no mistério divino. Nesse sentido a catequese deve ser uma verdadeira iniciação que leve o cristão a viver sob a moção divinizante e a espiritualidade cristã, por sua vez, uma vivência sacerdotal de cumprimento da vontade do Pai na comunidade eclesial.

Os espaços de mediação e de comunicação entre o mistério de Deus e os homens são a Igreja, a escuta da Palavra e a liturgia. Desta forma, é necessário, inspirados pelo resgate do Concílio Vaticano II, impulsionar nos fieis a compreensão e a vivência da vocação e da missão da Igreja como sacramento do Mistério Pascal de Cristo. E, ainda, propor uma real experiência de escuta de Deus através da liturgia da palavra e da *lectio divina*, resgatando para os cristãos a marca central da espiritualidade bíblica: a dinâmica escuta-resposta. Além disso, precisa celebrar a liturgia como lugar primeiro e primordial da manifestação da presença e da atuação de Cristo na vida da Igreja e dos cristãos. Com estas ações concretas a pastoral se efetuará com uma grande força mistagógica.

A Teologia do Mistério, oriunda da Escritura Sagrada, desenvolvida pelos Padres da Igreja, resgatada de seu esquecimento por Odo Casel e assumida magisterialmente com força normativa para a Igreja, é de uma riqueza ímpar. Aos desafios pastorais do terceiro milênio, o Concílio Vaticano II resgatou o paradigma litúrgico-teológico vivenciado nos primeiros séculos do cristianismo a fim de que a Igreja continuasse, com um ardor mais intenso, a consumir a obra de salvação de Cristo: a divinização dos homens. A missão da comunidade eclesial é fazer com que os homens tenham acesso à vida divina doada pelo Pai, pela intercessão do Filho e na força vivificante do Espírito Santo.